

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literatura

Sabrina Costa da Silva

**CASA DE ALVENARIA: SANTANA:
outras reflexões acerca do “ideal sociológico” de
Carolina Maria de Jesus**

Brasília

2024

Sabrina Costa da Silva

**CASA DE ALVENARIA: SANTANA:
outras reflexões acerca do “ideal sociológico” de
Carolina Maria de Jesus**

Trabalho de Conclusão de Curso enviado à Universidade de Brasília (UnB) como parte das exigências para a obtenção do título de licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Profa. Dra. Anne Louise Dias

Brasília

2024

**CASA DE ALVENARIA: SANTANA:
outras reflexões acerca do “ideal sociológico” de
Carolina Maria de Jesus**

Resumo

Este artigo materializa o intuito de discutir alguns aspectos de *Casa de Alvenaria* (1961), obra de Carolina Maria de Jesus. Aqui, porém, será analisada a edição publicada pela Companhia das Letras em 2021. Assim como outros trabalhos acerca da escrita caroliniana, este considera a função de denúncia social inerente ao texto, porém, enquanto algo proposital e elaborado, que não se detém na transcrição da realidade, mas sim como um meio pelo qual a autora, dentre outras coisas, buscava concretizar o que chamou de “ideal sociológico”. Utilizando como base e inspiração, respectivamente, os trabalhos de hooks (1995) e Marques (2023), a atuação da escritora será caracterizada como trabalho intelectual. Particularidades formais da obra serão analisadas à luz de Bakhtin (1975) e Silva (2016), destacando como a poeta, ao incorporar diferentes gêneros textuais à sua escrita, dialogava com as ideias veiculadas por eles, evidenciando como estas estabeleciam concordância ou discordância com as suas e, sobretudo, como estas “se prestavam” àquele ideal sociológico.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Casa de Alvenaria. Ideal sociológico. Trabalho intelectual. Romancização.

Resumen

Este artículo materializa el propósito de discutir algunos aspectos de *Casa de Alvenaria* (1961), obra de Carolina Maria de Jesus. El análisis se centrará en la edición publicada por Companhia das Letras en 2021. Al igual que otros trabajos acerca de los libros carolinianos, este toma en consideración la función de denuncia social inherente al texto, pero como algo que demuestra dada finalidad y es elaborado, que no se detiene en la transcripción de la realidad; es un recurso que su autora empleaba para buscar concretar lo que denominó “ideal sociológico”. Utilizando como fundamento e inspiración, respectivamente, las publicaciones de hooks (1995) y Marques (2023), la actuación de la escritora será caracterizada como trabajo intelectual. Particularidades formales de la obra serán analizadas a la luz de Bajtín (1975) y Silva (2016), resaltando como la poetisa, al incorporar distintos géneros textuales a su escrita, dialogaba con las ideas visibles en ellos, evidenciando como estas establecían concordancia o discordancia con las suyas y, además de eso, como estas estaban al servicio de aquel ideal sociológico.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus. Casa de Alvenaria. Ideal sociológico. Trabajo intelectual. Novelización.

INTRODUÇÃO

Não é incomum que, ao se falar sobre parte da obra de Carolina Maria de Jesus, sejam apontadas características como a inadequação ortográfica e seu contraste com o preciosismo de inúmeros vocábulos adotados pela autora, e o local de residência da poeta (que, aliás, foi utilizado para classificá-la como “escritora favelada”, por exemplo). Há ainda quem resuma seus escritos ao caráter de denúncia social, limitando a atividade desta escritora à transcrição da realidade imediata (não qualquer realidade imediata, mas sim um cotidiano ancorado na penúria) e validando-os unicamente quando têm essa finalidade. Eis uma das razões pelas quais *Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada* (1961) não obteve o mesmo sucesso editorial de *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (1960): porque sua autora já não relatava naquele os dramas pungentes destacados neste; isto é, ao menos não naquela edição, e tampouco de forma tão próxima, quer espacialmente, quer subjetivamente.

O editor, que assim como o público leitor, enxergava Carolina como alguém que só poderia escrever em tom de denúncia, destacou, no prefácio do primeiro texto citado:

Finalmente, uma palavrinha a Carolina, **revolucionária** que saiu do monturo e veio para o meio da **gente de alvenaria**: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do **quarto de despejo**. Agora você está na **sala de visitas** e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui (Dantas, 1961, p. 9 -10, grifos do autor).

Também são utilizadas pelo jornalista as expressões “revolução dentro de um barraco”, “subversão manuscrita”, “registro de grande valor humano e de grande valor como contribuição para estudo sociológico” (Dantas, 1961, p. 4-5) como qualificadoras dos textos da poeta.

Houve quem questionasse a autoria dos textos ou, no mínimo, supusesse que a temática principal era fruto de direcionamento do editor, como é exemplificado nos trechos a seguir, presentes num prefácio posterior denominado “A atualidade do mundo de Carolina”, noutra edição de *Quarto de despejo* (2004):

Sobre eles escreveram alguns dos melhores escritores brasileiros: Rachel de Queiroz, Sérgio Milliet, Helena Silveira, Manuel Bandeira, entre outros. O que não impediu que alguns torcessem o nariz para o livro e até lançassem dúvidas sobre a

autenticidade do texto de Carolina. Aquilo, diziam, só podia ser obra de um espertalhão, um golpe publicitário (Dantas, 2004, p. 5).

O poeta Manuel Bandeira, em lúcido artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária de Sacramento, Minas Gerais (Dantas, 2004, p. 5).

Aqui, porém, a análise do segundo volume de *Casa de alvenaria*, embora ainda considerando o tom de denúncia, será feita sob outros aspectos, destacando sua autora como uma intelectual que tinha determinados objetivos com sua escrita, mas que também não queria ficar confinada a um gênero, pois tinha consciência de sua capacidade; evidenciando algumas propriedades formais desse texto que contribuem para sua singularidade. A escolha de *Casa de alvenaria: Santana* se deveu ao fato de, se comparado aos outros dois escritos mais conhecidos da poeta, este ter sido o menos analisado, inclusive por ter sido publicado recentemente. Além disso, em trabalhos que consideram o primeiro volume (Osasco), há a ideia de certa rejeição na época da publicação, dentre outros fatores, devido ao fato de este não contar mais com os relatos acerbos da vida na favela, o que implicaria numa diminuição drástica da índole social deste, o que não se verifica se considerarmos o volume posterior.

É interessante lembrar e notar, além disso, que na época da primeira edição (1961), o livro supracitado era um volume único, denominado *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, publicado pela Editora Francisco Alves, em oposição a *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da mesma editora. Já a edição atual, publicada pela Companhia das Letras (2021), é dividida em duas partes, servindo de razão para tal divisão a mudança de residência da escritora, de Osasco para Santana, e sendo que a maior parte dos textos de *Santana* não constava na primeira edição. A opção de se dividir pela localidade, e não pelo fato de a autora ser ou ter deixado de ser favelada, parece muito acertada, uma vez que não condiciona a recepção da obra. Não se trata de “apagar” esse aspecto da vida de Carolina, mas sim de não resumir sua escrita e visão de mundo à vivência na favela, como se ela não tivesse abordado temas universais. Por este mesmo motivo, no título deste texto não foram utilizados rótulos como “escritora favelada”, “poeta do lixo/do monturo”, dentre outros. Priorizou-se sua atividade de conscientização, que foi atividade intelectual, e a ideia de alguém que tem um “ideal sociológico” e que deseja utilizar tal atributo visando o bem comum, a educação do povo. Esta expressão, inclusive, foi adotada pela própria autora, como se lê em “Fico pensando: eu, que tenho ideal sociológico. Quero ver o bem predominando na humanidade” (Jesus, 2021B, p. 294). Será evidenciado, ainda, o dilema da escritora em continuar

escrevendo ou não, em comparecer ou não aos eventos aos quais era convidada, diante da quantidade de convites (considerando estes últimos) e de pedidos monetários advindos de pessoas que a supunham rica após o sucesso editorial.

Com base em “- O prefeito gostou da poesia. A poesia tem êrros gramaticaes. Não ha possibilidade de correção. É uma advertência social” (Jesus, 2021A, p. 153), a grafia da autora será fielmente respeitada em todas as citações feitas aqui.

1 EU VIM AO MUNDO PARA ESCREVER SOBRE O CUSTO DE VIDA QUE OPRIME O NOSSO POVO¹

Uma das peculiaridades do texto caroliniano é visível na junção de uma visão um tanto realista de denúncia de problemas sociais, de contradições existentes na organização social a um conceito romântico de escritor/poeta enquanto alguém que nasce com uma missão, com uma vocação, como algo que o isola de outros. Ao mesmo tempo (pois ela se permite mudar de opinião ou somente melhorar as próprias opiniões), convoca outras pessoas à atividade da escrita justamente para fomentar a conscientização e propiciar a solução ou pelo menos um combate a determinados problemas:

Para dizimar as desorganizações num país, devemos escrever. Para o povo tomar conhecimento da vida desajustada da camada semi-inculta que deriva para o marginalismo e transforma em problema social. Temos que escrever para alertar os politicos voltar seus desvelos para a classe prolétaria. Que não tem apoio para desenvolver-se (Jesus, 2021B, p. 289).

Nota-se neste excerto, portanto, a escrita como portadora dum caráter de alerta, bem como duma “função expositiva”, ou seja, algo que daria a conhecer outra realidade. É importante salientar que a poeta não se detém na descrição de agruras, mas traz o contexto que as origina, inclusive de maneira sucinta (o curioso é que tenha sido chamada de “prolixa” pela crítica), como quando nos dá a entender que o baixo nível de escolaridade dum grupo social, aliado ao “desajuste”, que em alguns momentos de sua obra, a começar por *Quarto de Despejo*, aparece como sinônimo de “desemprego”; são alguns dos fatores responsáveis pelo marginalismo. Afinal, o “ideal sociológico” que a autora dizia ter se traduzia num anseio de vivenciar/ver o progresso da pátria, a reforma agrária sendo posta em prática, o analfabetismo sendo erradicado, o nível de desemprego e desnutrição caindo, o aumento dos auxílios a

¹ Jesus, 2021A, p. 73.

estudantes carentes nas universidades, dentre outras coisas. Desta forma, buscar colocar o ideal em prática seria fazer com que o povo não só tomasse conhecimento das condições que vigoravam para os mais pobres da nação, como que também se pusesse a cobrar a classe política: “Eles podiam publicar uns trechos do meu livro Quarto de Despejo para lembrar os políticos que o pôvo não aguenta o custo de vida, e as crianças precisam de bôa alimentação e as terras precisam ser livres para o povo plantar e ter fartura” (Jesus, 2021B, p. 382).

Ao destacar a necessidade de uma boa alimentação para a população infantil, a poeta sabia perfeitamente que este era um requisito para o desenvolvimento físico e intelectual dos escolares, assim como sabia que o enfraquecimento físico prejudicava o processo de aprendizado: “Os proprios politicos reconheceram a dificuldade que tem com o homem inculto. E resolveu construir escolas. Mas o povo é desnutrido e não tem animo em si. Temos que nutri-los para educa-los. Eles, são anemicos” (Jesus, 2021B, p. 409). Aponta a urgência da reforma agrária de modo a solucionar a questão da fome e da habitação, sendo esta política abordada inúmeras vezes ao decorrer de *Casa de alvenaria*. Além de que a literatura, neste trecho, é definida como sendo algo que poderia reavivar a memória dos políticos, de modo que estes pudessem buscar a solução de tais problemas.

É com base em aspectos como estes, e tendo como inspiração “*Um Brasil para os brasileiros*”: o projeto intelectual de Carolina Maria de Jesus (Marques, 2023, p. 104), trabalho no qual foi destacada esta dimensão da atuação de Carolina, é que há aqui uma ênfase em “trabalho/atividade intelectual” para caracterizar a obra caroliniana. Nesta, mais que uma pura e simples narração de penúrias, há reflexões acerca de suas causas e consequências, exposição de tais considerações com o objetivo de denunciar, educar e buscar mudanças sociais e políticas, bem como de convocar seus pares a fazerem o mesmo (como exemplificado anteriormente), ou seja, de exortá-los a serem sujeitos, agentes. Há, portanto, uma equivalência entre o ser escritora e o ser intelectual, neste caso, devido ao caráter desta escrita. E são atributos dessa natureza, embora de forma mais “abstrata”, que foram descritos e comentados por bell hooks ao citar um texto de Terry Eagleton. Em seu artigo, intitulado *Intelectuais negras* (1995), lê-se:

Em sua recente coletânea de ensaios “The Significance of Theory” (O significado da teoria), Terry Eagleton inclui um chamado “Crítica, Ideologia e Ficção”, em que esclarece a diferença entre acadêmicos (que podem ou não ser intelectuais), e intelectuais. Se olhamos a tradicional compreensão ocidental do intelectual, parece-me que este se caracteriza por pelo menos duas questões distintas. O intelectual não é apenas alguém que lida com ideias. [...] Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo.

Segundo: intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla. A distinção de Eagleton baseia-se na suposição de uma qualidade de abertura crítica que permita a transgressão. É visível que ele considera essencial que os intelectuais sejam pensadores criativos exploradores no domínio das ideias, que possam ir até os limites e além, seguindo as ideias em qualquer direção que tomem (hooks, 1995, p. 468).

É interessante a ideia de “abertura crítica que permita a transgressão”, pois algumas questões que possibilitaram que Carolina fosse lida (embora seu caso tenha sido e ainda seja uma exceção) foram justamente a efervescência cultural do período aliada a um ciclo democrático (mesmo que breve e marcado por tensões) em que havia maior luta por direitos das minorias; além da expansão da imprensa televisiva, que mesmo marcada por problemas de ordem técnica, pela falta de especialização de trabalhadores e fortemente inspirada nos moldes do rádio² (até a segunda metade da década de 1960), diversificava as formas de divulgação das obras.

O “papel” que a poeta atribuiu a si, o de “escritora socióloga” ou de alguém com “ideal sociológico”, vale ressaltar, só poderia ser exercido quase livre de impedimentos (quase, pois sempre havia quem quisesse distorcer a narrativa dela, como ocorrido na estreia da peça *Quarto de despejo*³), numa nação democrática, já que expor mazelas sociais, segundo ela, equivalia a “desclassificar” o país, afinal, era vergonhoso (para a nação, sobretudo para a elite), admitir tais questões.

A universalidade das mazelas e, conseqüentemente, da obra, eventualmente é apontada de maneira sutil pela autora, como, por exemplo, no último período de “É horroroso ver as crianças andando descalços com o ventre crescido superlotado de vermes comendo os frutos deteriorados no lixo onde as moscas pousaram deixando seus ovos infecciosos. Espetaculo que eu reprovo em qualquer recanto do glôbo” (Jesus, 2021B, p. 262). Entre novembro de 1961 e 1962, na época das viagens feitas ao Chile e à Argentina, a poeta se esmerou em descrever e em buscar compreender o que viu, especialmente na Argentina, já que houve uma interrupção da escrita do diário no período próximo da visita ao território chileno, sendo a sua principal menção a este último país a seguinte: “No Chile, o rico é predominante. Não vi abrigo de menóres em Santhiago. É horrivel ver aquelas crianças pedindo esmólas pelas ruas”. (Jesus, 2021B, p. 426). Inclusive, ao saber que sua ida a Buenos Aires seria adiada devido à

² Baracho, 2007, p. 6-8.

³ Jesus, 2021B, p. 339-340.

greve, Carolina afirma querer ir **justamente por causa da greve**, por querer saber as razões que levaram a população a fazer uso de tal instrumento:

Hoje eu devia ir a Argentina. Não vou por causa da greve. Mas gostaria de ir por causa da greve. Queria escrever as agruras dos argentinos. A causa do descontentamento do povo. Será o custo de vida? Será a pressão política? Qual seria a causa do descontentamento das classes. Na minha opinião é que se as terras fossem livres, os homens reanimariam (Jesus, 2021B, p. 376).

De fato, havia muita pressão política na república dos portenhos. Além do alto custo de moradias, sendo esta última questão constatada pela escritora durante a estadia no país. Novamente, de maneira breve, a autora relembra a necessidade da reforma agrária. O que possibilitava aos argentinos a adoção da greve era o fato de também, como no Brasil, vivenciarem um período democrático. Pouco tempo depois, seu presidente seria deposto por um golpe militar.

O problema da Argentina não é comida. É moradia e lamentam o custo de vida. Não podem pagar aluguel. [...] A minoria das crianças é que vão a escola. [...] A vila miseria é imensa. O barro é liguento. A lama grudava nos sapatos. [...] A vila miseria tem 4 pias para três mil e quinhentas pessoas lavar louças. E seis mil, e novecentas crianças. Notei as degradações moraes e as cenas indecorosas na presença das crianças (Jesus, 2021B, p. 412).

Ao visitar uma favela argentina, favela esta que, como outras no país (bem como no México, no Peru e no Uruguai) é chamada de “Villa miseria”, expressão que intitulou um romance do escritor argentino Bernardo Verbitsky (autor citado em *Casa de Alvenaria*), Carolina pôde constatar como o que havia narrado anteriormente não era um conjunto de acontecimentos e contextos restritos ao Brasil. O alto índice de natalidade aliado tanto à baixa escolaridade dos genitores, quanto à baixa ou nula frequência à escola por parte das crianças, bem como a insalubridade do local de moradia que restou para a população “expulsa” do centro pelos altos custos de habitação: úmido e suscetível a enchentes e deslizamentos de terra por um lado e com pouca oferta de água tratada por outro.

Uma senhora que estava conôco disse que tem uns pobres residindo no cemitério São Martin. Fiquei horrorizada. A deficiência de residencia na Argentina é impressionante. É a primeira vez que a historia relata que o pobre vae residir no cimitério (Jesus, 2021B, p. 413).

Este anseio em ir a outros países de modo a conhecer a realidade vivenciada neles e registrá-las não significava que a intelectual não enxergava as agruras do próprio país, contradição que ela mesma condenou em seu texto, mas sim que aproveitava as ocasiões de viagens nas quais se objetivava divulgar os livros para ter contato com outras culturas, outras gastronomias, outras formas de se viver nas diferentes cidades. Chegou a afirmar que gostaria

de viajar para outras localidades no território brasileiro de modo a supervisionar – para aproveitar uma expressão da autora – as “falhas e os descasos dos poderes publicos” (Jesus, 2021A, p. 192).

Na ida a Porto Alegre, a poeta também se deparou com a existência de uma favela, destacando que embora as crianças parecessem bem alimentadas, diferentemente das que viviam na favela do Canindé, bem como seus habitantes tivessem fácil acesso à água tratada (algo que tampouco acontecia na favela paulista), notava-se a pobreza, o alto índice de natalidade e o baixo índice de escolaridade dos moradores. Notou, noutro momento, embora no mesmo estado, porém em Pelotas, ocorrências de preconceito racial, fossem elas denunciadas/sofridas por uma pessoa, como no caso do rapaz que fez questão de relatar à Carolina durante a sessão de autógrafos: “– Sabe Carolina; peço-te para incluir no teu Diário que ha preconceito aqui no Sul” (Jesus, 2021A, p. 152); ou por várias pessoas, como no caso das crianças negras que esperavam serem adotadas durante anos no abrigo de menores, ao passo que as brancas eram facilmente perfilhadas: “Contei oito crianças negras. Que fôram excoimadas. As brancas são preferidas e as pretas preteridas. As brancas conseguem lar com mais facilidade [...] Percebi que as crianças já estão emancipando-se. Quem emancipa-as, é o preconceito, e o desprezo do sulista” (Jesus, 2021A, p. 160).

Na excursão a Caruaru, por outro lado, a escritora não deixou de pontuar que, embora a terra fosse fértil e seus naturais, pessoas trabalhadoras, a fome era presença constante, devido não só às questões climáticas, como também à ineficiência e negligência do governo em contorná-las ou ao menos minorá-las. Declarou ainda querer residir no município pernambucano, podendo, assim, observar e descrever as condições de vida que vigoravam ali. Noutros momentos, já em Santana (as jornadas a Pernambuco e ao Rio Grande do Sul ocorreram no período de Osasco), Carolina lembrou as adversidades que observou no estado nordestino: “Eu tenho pavor da palavra aumento. Por causa dos pobres. Agora eu estou rica, mas a minh’alma continua pobre. [...] Minh’alma está no Nordeste. Está nas favelas, porque é a alma de poetisa”. (Jesus, 2021B, p. 337), bem como as que vivenciou no Canindé, ou mesmo supôs as que outras pessoas poderiam estar enfrentando neste último local mencionado:

Quando cheguei em Santos estava chovendo. Olhei os topos e as casas de tabuas que estão construídas nos morros. Pensei: como o pobre luta para viver com tantas terras deshabitadas e o homem mal habitado. Eu estou pensando neste problema que é a condição humana para o ente humano (Jesus, 2021B, p. 307).

Ainda que em poucas palavras, este trecho evidencia como Carolina aborda novamente a necessidade da reforma agrária. Outra particularidade deste excerto, assim como o anterior e o posterior, é que representa pensamentos tidos/proferidos em momentos triviais do cotidiano da autora. “Ela não compreende que a favela é obra do rico. Os pobres, não podem pagar os preços exorbitantes que os ricos exigem pelo aluguel de um quartinho. E não pode ficar ao relento. A condição do pobre no Brasil, está piorando dia-a-dia” (Jesus, 2021B, p. 321). Este último fragmento, porém, consistiu numa reflexão diante duma situação de preconceito, violência: esse “ela” se refere à vizinha que insultou seus filhos, chamando-os, dentre outras coisas, de “favelados desgraçados”. Nota-se sua reflexão a respeito da especulação imobiliária, embora a palavra “rico/rica” em sua escrita, por vezes, se refira a pessoas de classe média, como as que viviam em Santana.

Refletir sobre o trabalho intelectual de Carolina significa, portanto, considerar a presença do cotidiano em seus textos:

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto (hooks, 1995, p. 466).

hooks revela uma ligação natural entre o trabalho intelectual e o cenário conhecido, vivido por ela, sendo aquele um instrumento que permite a percepção e entendimento deste. Mesmo que Carolina nunca se referisse explicitamente ao seu trabalho como sendo de caráter intelectual (ainda que hora ou outra destacasse que tinha que lidar com ideias, ou explicitasse a dificuldade de lidar com elas), sabia perfeitamente que ele não poderia ser desassociado da realidade concreta que vivenciou/vivenciava, e em *Santana* é visível um esforço maior para refletir e compreender aquela conjuntura e os aspectos que a construíram, o que justifica a correlação que a poeta estabelece entre os fatos que lhe são atuais (inclusive imediatos, como no excerto sobre a favela ser obra do rico) e o contexto histórico/econômico que os originou.

Conceição Evaristo, numa reunião gravada e publicada do Clube de Leitura Luiz Gama, falou sobre uma leitura equivocada que era feita da obra caroliniana, leitura esta que considera somente a fome física, a carência material retratada ali. A doutora afirmou ainda, dentre os minutos 00:07:36 e 00:08:46 (que foram destacados aqui devido à duração do vídeo, que beira duas horas), que “Carolina, se não escrevesse, ela não suportaria a vida⁴”, destacando a escrita como algo concomitante à vida da poeta e como uma espécie de

⁴ A reunião ocorreu em 5 de novembro de 2019, mas foi publicada no YouTube em 23 de junho de 2020.

mecanismo de vazão das suas angústias. Sobre o primeiro ponto, e considerando exclusivamente os escritos da autora, é comum observar trechos nos quais ela diz que “Nem so do pão vive o homem. Vive também do ideal” (Jesus, 2021B, p. 134), outros em que ela nota que já não há dinheiro para festas porque o custo de vida é causticante, e um no qual sugere ao governo que crie instalações para restaurantes e orquestras, que possibilitariam entretenimento ao povo e captação de recursos.

O segundo ponto nos possibilita perceber que Carolina se concentrou tanto em fazer denúncia social não por não ser capaz de escrever em outros gêneros (muito pelo contrário, como se verá posteriormente), mas porque aquela questão a afetava materialmente, inclusive no período de *Casa de Alvenaria*: “Passei o dia em casa, lavando as roupas dos filhos e escrevendo o meu Diário. Enquanto escrevo vou olvidando que não tenho o que comê” (Jesus, 2021B, p. 489); e psicologicamente, de modo que escrever sobre essas mazelas era também “possibilitar o escoamento” daquilo que a afligia: “Eu passei a manhã escrevendo. Para não pensar nas dificuldades que me é difícil transpor” (Jesus, 2021B, p. 482). Além, é claro, da própria função inerente ao gênero diário, cujos escritos têm caráter confessional. O trecho a seguir materializa ainda mais essa ideia:

Quando escrevi o meu Diário não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa não tinha sabão. Não tinha o que comê. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha a impressão de estar contando as minhas maguas a alguém. E assim surgiu o Quarto de Despejo. Classifiquei a favela de quarto de despejo porque, em 1948, quando o dr. Francisco Prestes Maia começou urbanizar a cidade de São Paulo, os pobres que habitavam os porões foram atirados ao relento impiedosamente (Jesus, 2021B, p. 341).

Assim como instrumento que lhe facultava tolerar a realidade, uma vez que lhe exigia concentração, imaginação (afinal, Carolina não escrevia apenas o diário, como será explicitado posteriormente), elaboração de concepções e opiniões e lhe tomava um tempo que, caso ela o utilizasse para se deter em seu próprio cotidiano, lhe causaria ainda mais sofrimento; além de tudo isso, a escrita caroliniana objetivava dar “vazão” a um fluxo de ideias, a que frequentemente a autora denomina como sendo “ideias literárias⁵”, como se observa em “Não deixo de escreve porque o escrever para mim é tão escencial devido a fusão de ideia que promanam no meu cerebro” (Jesus, 2021B, p. 388) e em “Estes dias as coisas para mim estão amargas. Não tenho sossego com os versos que duplicam na minha cabeça” (Jesus, 2021B, p. 391). É aparente nestes dois últimos excertos aquela noção um tanto romântica de poeta/escritor enquanto aquele que é “vítima” da inspiração, da maneira singular

⁵ Jesus, 2021B, p. 244, 278, 279, 281.

que enxerga o mundo. Desse modo, a dedicação à Literatura aparece como uma “obrigação inerente”, isto é, interna ao indivíduo, imposta pela própria natureza. Sobre essa “necessidade interna” de registrar o que vivenciava e observava, diz Audre Lorde, em “Minhas palavras estarão lá” (1985):

Então, para mim, a questão do protesto social e da arte é inseparável. A arte pela arte realmente não existe para mim, nunca existiu. O que eu via era errado, e precisava me manifestar. Amava poesia e palavras. Mas o que era belo deveria servir ao propósito de mudar minha vida, ou eu morreria. Se não posso externar essa dor e alterá-la, decerto morrerei por causa dela. Esse é o começo do protesto social (Lorde, 2020, p. 65).

Assim como na obra caroliniana, nota-se no excerto acima essa junção da exteriorização de uma dor, geralmente advinda das “coisas erradas” observadas e vivenciadas, com a ideia de manifestação enquanto exposição das tais “coisas erradas”. Desse modo, a arte, aqui, não é “arte de protesto”, como se estivesse de alguma forma subordinada ao ato de protestar, mas **equivale** ao protesto. É necessário ressaltar, porém, que Carolina, diferentemente da filósofa estadunidense, acreditava em “arte pela arte”, como nos faz saber quando distingue a escrita nascida dos tempos de penúria com uma outra, possivelmente reservada aos tempos felizes: “Sou poetisa. Podia escrever poesias./ Mas, a época é de agruras, sofrimento e suicidas neuróticos por causa do custo de vida [...] Depois que eu ver o meu povo filiz vou escrever poesias” (Jesus, 2021B, p. 290) e “Antigamente os escritores escreviam falando das estrelas, as avês, os amôres. Hoje o assunto é comida. E o povo da atualidade dizem, que são civilizados” (Jesus, 2021B, p. 455).

Aliás, outra característica comum aos românticos que ecoou vagamente na visão que a intelectual tem do ser escritor é certa identificação com o meio natural: “Quando eu vêjo uma cachoeira despreendendo água em abundancia e o céu super lotado de estrelas penso: tudo que é da natureza é em profusão e assim são os versos que povoa o meu cérebro” (Jesus, 2021B, p. 388). Por mais que tenha havido exigências para que ela escrevesse o diário ou para que o continuasse, a partir de determinado momento, a autoimposição, aliada a alguns apelos que a poeta considerava pertinentes ou justos, foram os únicos aspectos que a motivaram a continuar o seu registro: “Se volto a escrever o meu Diário é que o povo estão pedindo” (Jesus, 2021B, p. 427).

2 ELE SABE QUE O MEU ESTILO É VARIADO⁶

Um dos atributos da obra caroliniana que contribuem para sua singularidade e inovação (e utiliza-se o termo “obra” aqui porque embora o foco do presente artigo seja *Casa de alvenaria: Santana*, tal característica também é visível nos dois outros textos mais conhecidos da autora), é a incorporação de outros gêneros, sejam eles literários ou não, nos seus escritos. Embora o gênero Diário seja considerado extraliterário, por meio da escrita caroliniana temos acesso a um exemplo duma nova versão dele, a um exemplo dum “gênero romancizado”. Não se trata, de forma alguma, de dizer que as três principais obras da intelectual são romances (ainda que ela **também** tenha criado textos desse estilo), mas de destacar a ocorrência, em *Casa de alvenaria: Santana*, de um processo de hibridização, processo este típico da modernidade e do contexto de ascensão do romance e que ecoa em inúmeros gêneros e obras literárias da contemporaneidade.

De acordo com Bakhtin, em “Epos e romance: Sobre a metodologia do estudo do romance” (1975), diferentemente de outros gêneros literários, o romance “é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial” (Bakhtin, 1990, p. 398). O linguista destaca que ele ainda evolui, não tendo, portanto, uma forma acabada e completamente previsível e que, dentre outras coisas, “integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom” (Bakhtin, 1990, p. 399). Sobre essa evolução outrora citada, há a ideia de uma mudança na forma de outros estilos (mesmo que já consolidados) quando estes persistem concomitantemente ao romance, considerando um momento em que ele predomina.

Como se exprime a “romancização” dos outros gêneros? Eles se tornam mais livres e mais soltos, sua linguagem se renova por conta do plurilinguismo extraliterário e por conta dos estratos “romanescos” da língua literária; eles dialogizam-se e, ainda mais, são largamente penetrados pelo riso, pela ironia, pelo humor, pelos elementos de autoparodização; finalmente – e isto é o mais importante –, o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado) (Bakhtin, 1990, p. 400).

No trecho acima, o autor expõe aspectos visíveis nos gêneros romancizados, ressalta a liberdade e a renovação agora existentes em sua linguagem, ou seja, eles deixam de ter uma forma tão enrijecida, tão cristalizada. Além disso, passam a dialogar não só entre si, sobretudo os gêneros romancizados que incorporam outros em sua construção, que dialogam com estes outros, ao mesmo tempo em que os utilizam como “apoio”; como também com o período, com a realidade em que perduram, em que novas obras de seus estilos “veem a luz”. É

⁶ Jesus, 2021A, p. 45.

importante ressaltar a origem deste último aspecto, isto é, desta ligação com a vida cotidiana: como as outras particularidades observadas em estilos romancizados, esta se originou durante a evolução do próprio romance, quando na composição deste passaram a ser utilizadas formas extraliterárias próprias da vida corrente, tais como as cartas e os diários.

Já desde o começo, o romance e os seus gêneros precursores apoiavam-se em diversas formas extraliterárias da vida pública e privada, sobretudo retóricas [...] E nas épocas seguintes de sua evolução, o romance se utilizou larga e substancialmente das cartas, dos diários, das confissões, dos métodos da nova retórica judicial, etc. (Bakhtin, 1990, p. 422).

Em *Estética da confluência: ficção e autobiografia na prosa literária e no Diário do último ano*, de Florbela Espanca (2016), Lígia Silva expõe exemplos de textos nos quais se nota a romancização, que a autora também iguala à parodização, lembrando Bakhtin. Um deles é o texto citado no título, que embora seja um diário, conservando a forma convencional deste gênero, incluindo a datação, tem uma linguagem rica em metáforas, referências a personagens históricos e/ou lendários, além de que a escritora (Florbela) cria uma imagem ficcional de si, imagem esta que nunca é fixa. Tal procedimento hibridiza este diário, que apresenta características da poesia e do conto.

Noutro momento, Silva menciona outra obra romancizada: *À margem dum soneto*, também de Florbela Espanca. Nesta, inicialmente um conto, há um soneto, que é o poema que encerrará uma coletânea da protagonista. Esta protagonista conversa com outro personagem sobre seu poema, apresenta-o e o outro personagem, um médico, após dizer suas impressões sobre a poesia, narra uma história sobre um de seus pacientes, sendo que nesta o paciente era incapaz de “distinguir a identidade da sua esposa romancista das diversas identidades por ela criada em seus romances” (Silva, 2016, p. 112). É necessário evidenciar que o soneto e a outra narração não foram simplesmente integrados ao conto, mas constituíram a interação dos personagens. A acadêmica salienta ainda que “Esse hibridismo de gêneros é uma das características mais marcantes dos textos literários da modernidade, nos quais convivem sempre duas realidades contraditórias como o passado e o presente, a repetição e a inovação, a invenção e a confissão etc.” (Silva, 2016, p. 66), algo que, em outras palavras, havia sido teorizado pelo filólogo russo ao escrever sobre o diálogo que os gêneros romancizados estabelecem com o período em que se inscrevem.

E todos aqueles e estes atributos podem ser observados em *Casa de alvenaria: Santana*. Ali, além da inserção de outros gêneros – literários e principalmente extraliterários, puramente discursivos – nota-se que eles não foram simplesmente “colados” no texto, mas

sintetizam ideias com as quais a autora dialoga, adotando-as ou não. Como um dos objetivos de seu diário é registrar a realidade, refletindo sobre como certos cenários vivenciados pela população tomam/tomaram forma, a poeta anexa em sua escrita, gêneros textuais/discursivos do cotidiano, tais como canção de protesto “E, você aí?/Da o dinheiro aí/ Da o dinheiro aí/ Não vae da/Não vae da não/ Você vae ver a/grande confusão.” (Jesus, 2021B, p. 87), homilia⁷, entrevista e debate, respectivamente:

Gostei do sermão. Agradecendo a Deus por ser brasileiro viver neste país sem temor. Porque o brasileiro não persegue a religião. [...] Porque é que o homem se atira ao cumunismo?/ É a falta de cristianismo do amôr a Deus. Falta de religião baseada no evangelho. Devemos procurar um meio de humanisar o homem, para ele não expoliar o próximo. Devemos ser mais humilde./ Minha replica ao sermão do padre: O cumunismo é um regime em que o povo adota-o devido a fome e a pressão do capitalista que pra ter dinheiro pode comprar tudo que quer, os seus ideaes não ficam aguardando oportunidade são idealisado e concretisado (Jesus, 2021B, p. 319, 320).

A intelectual a trouxe à obra justamente para discordar do que foi dito neste formato. Embora não se considerasse comunista e tampouco tivesse se filiado a algum movimento político, a autora citava frequentemente a exploração ocorrida sob o capitalismo, e sabia que este fator era o que de fato influenciava decisivamente os cidadãos a buscarem adotar outros regimes políticos/econômicos, e não um aspecto tão abstrato como a “falta de fé”. E quando se analisa a fala do sacerdote, nota-se que ele, embora não o diga literalmente, não é favorável à existência de lucros ilimitados, por exemplo.

Eran tantos periodistas que não me foi possível anotar sus nonbres. Perguntaran-me: - O que vão fazer os brasileiros para extinguir as favelas? R. A extinção das favelas tem que ser por intermedio da reforma agraria. Porque nos os favelados somos os colonos que trabalhavamos na lavoura. Quando o fazendeiro não nos dêixou plantar nós os colonos emigramos para a cidade. O fazendeiro inconscientemente, implantou a favela nas grandes cidade (Jesus, 2021B, p. 406).

Observa-se, dessa forma, que estes gêneros constituem outras vozes – dissonantes ou não – no discurso de Carolina. Ora ela os incorpora de forma direta, como se vê na entrevista (aliás, há inúmeras outras entrevistas em *Casa de Alvenaria*, e a supracitada ocorreu na Argentina, como se supõe pela inserção de vocábulos do castelhano ou nele inspirados), ora de forma indireta, como no caso da homilia e como se verá no debate. O interessante, no caso destes dois últimos, é que sua “resposta” foi dada no diário, visto que a homilia é um gênero no qual apenas quem preside a celebração tem a permissão de falar, e no debate, embora a poeta tenha se expressado, tendo sido, inclusive, a terceira a falar, preferiu não proferir todas as suas opiniões, por querer evitar que o debate ficasse ainda mais acalorado.

⁷ Parte da liturgia da Palavra no rito católico, é também conhecida como “sermão” e ocorre logo após a leitura do Evangelho.

Quem presidia o debate era o senhor Rogê Ferreira. Citou: que o meu livro *Quarto de Despejo* é um retrato real das agruras que o pobre encontra atualmente quer em São Paulo, quer no Brasil. [...] O segundo orador foi o senhor Angelo Simões Arruda. Estava lendo o *Quarto de Despejo*, e anotando o que lia. Disse que em São Paulo, o povo trabalha nas fabricas nas oficinas não saem pelas ruas catando papel. Saem para um serviço digno que lhe porpociona uma condição de vida decente. [...] Pensei: se o homem de São Paulo levasse uma vida decente não faziam greve salarial. Continuou dizendo que São Paulo é uma cidade de pessoas humanas (Jesus, 2021B, p. 339, 340).

Ainda com relação ao debate, ela discordava plenamente do que foi dito pelo professor Ângelo Arruda porque além de suas palavras destoarem do que a escritora viu e vivenciou, ele, de acordo com a poeta, simplesmente “não mencionou a nescesidade de habolir as favelas. Que duplicam por este Brasil afora” (Jesus, 2021B, p. 340). Era como se ele estivesse negando para si e para os outros a existência de tal problema, ao invés de buscar usar sua influência (era também advogado) para tentar ajudar a solucioná-lo. Além disso, a greve citada por ela é a mesma ocorrida no trecho anterior, em que os grevistas cantam e tocam a canção de protesto.

No texto caroliniano do período em Santana também é possível encontrar os gêneros bilhete⁸, artigo marítimo⁹, diário¹⁰ (a escritora incorporou o diário de uma espanhola chamada Argentina Saferreira/Laferreira ao seu), lista de ferramentas¹¹, manchete jornalística¹², poema¹³ (não só os dela como os de outros autores, como Olavo Bilac), notícia¹⁴, marchinha de Carnaval¹⁵, convite¹⁶, provérbio¹⁷ e coluna jornalística¹⁸. Com exceção deste último e do gênero notícia, todos aparecem no diário tais como são.

A presença dessas diversas variedades textuais/discursivas, excetuando o bilhete, o artigo marítimo, a lista de ferramentas e o convite (que eram apenas registros vinculados a situações completamente triviais), não é aleatória, mas sempre trava uma interlocução com algum aspecto político ou social em evidência naquele momento, como se nota na marchinha de Carnaval anteriormente citada, cujo título é “Salazar”, em que discorre sobre o regime salazarista (tendo o seu comandante impedido a publicação de *Quarto de despejo* em seu país,

⁸ Jesus, 2021B, p. 72, 162, 433.

⁹ Jesus, 2021B, p. 296.

¹⁰ Jesus, 2021B, p. 157-162.

¹¹ Jesus, 2021B, p. 66.

¹² Jesus, 2021B, p. 292.

¹³ Jesus, 2021B, p. 100, 197, 224-226, 229, 236, 286, 357, 366-367, 371, 377-379, 386, 388, 394, 397, 435, 446-447.

¹⁴ Jesus, 2021B, p. 252, 481, 485.

¹⁵ Jesus, 2021B, p. 259.

¹⁶ Jesus, 2021B, p. 321.

¹⁷ Jesus, 2021B, p. 134, 319.

¹⁸ Jesus, 2021B, p. 452.

inclusive, uma das motivações da autora para a composição) e como se nota em alguns dos poemas, como “O colono e o fazendeiro” e “Humanidade”, em que destaca a questão da exploração, seja de uma parte da classe trabalhadora (a qual, aliás, ela pertenceu quando morava em Sacramento), seja a exploração que sofreu enquanto escritora, apontando a ambição do ente humano.

Numa das inclusões do gênero notícia, a poeta faz um pequeno comentário a respeito da corrupção, ilustrando sua ideia com a imagem universalmente conhecida dos piratas cuja jornada se dá em busca dum tesouro, sendo esta última palavra um trocadilho com o nome do órgão público. Porém, na sétima e na décima páginas seguintes, discorre durante longos parágrafos sobre o desvio de verbas públicas, sobre a campanha eleitoral e a candidatura servirem como “trampolins” que lançarão o candidato a uma série de regalias, já que “[...] é convicção genêralizada, que o político quer ganhar com pouco esforço” (Jesus, 2021B, p. 392), até mesmo sobre a falta de ordem e de progresso no país, ironizando a inscrição da bandeira nacional.

O jornal do dia 8 de novembro, o prefeito Prestes Maia citava o desvio de verbas da alimentação escolar que teria sido cometida pelo vereador Silva Azevedo ao qual ele trata de Senhor X que a verba foi aplicada em compras ilícita. [...] Dá a impressão que os nossos homens publicos são piratas visando atingir o Tesouro Nacional (Jesus, 2021B, p. 477).

Ainda com relação ao subtítulo, é necessário destacar novamente que a autora não se restringiu a um único gênero textual/literário, diferentemente do que supunham críticos e editores. Sobre essa limitação, isto é, a suposição de que autores negros – e pobres, no caso – só podem escrever/falar sobre pobreza e racismo, limitação esta perpetrada pelo mercado editorial, pela crítica e até mesmo, de forma consciente ou não, por parte do público, afirma Djaimilia Pereira: “E portanto eu não sei se o racismo é um gênero literário, sei que certamente é um dos poucos assuntos disponíveis... um dos poucos assuntos para os quais nos pedem opinião, nos quais estão interessados a ouvir-nos falar” (Almeida, 2022, p. 48).

Tal é a veracidade da existência dessa limitação, que o próprio editor, utilizando aspas como recurso irônico ao citar os outros formatos textuais utilizados por ela, sugeriu à Carolina guardar seus textos de outros gêneros¹⁹; além do fato de muitas pessoas que a entrevistavam ou que simplesmente a viam em ambientes frequentados pela classe média quererem falar-lhe unicamente sobre a favela, sobre a fome, e não sobre suas próximas obras, ou sobre sua ambição de enveredar por outras artes, como Música e Cinema, por exemplo. Numa das

¹⁹ Dantas, 1961, p. 9-10, grifos do autor, citado na introdução do presente artigo.

ocasiões em que ocorreu tal coisa, isto é, conversas “tomarem o rumo das agruras sociais” apenas porque as comensais notaram a presença da poeta, esta apelidou-as (não sabemos se exclusivamente no diário, mas como ela sabia como ninguém se comportar nestas situações...) de “papagaios noturnos”, entes que apenas falam, de forma nada substancial, e neste caso, à noite, nos restaurantes chiques, ou seja: “filantropicas nas palavras, mas não agem” (Jesus, 2021A, p. 170), esperando que a escritora o faça.

Em diversos momentos de *Casa de alvenaria: Santana*, a poeta relata escrever ou estar escrevendo artigos (como o escrito para a revista Magistério), romances (sendo que um deles foi intitulado *Mulher diabólica*), um livro memorialista: *Reminiscências*, (o qual ela cita como sendo datilografado por Eva Vastari), poemas, contos, e até mesmo uma piada para a Revista Quatro Rodas. Além, é claro, das marchinhas de Carnaval. Algumas dessas obras, como o romance *Pedaços da fome* (1963), e o livro *Provérbios* (1963) foram publicadas com os recursos da própria escritora.

3 ELES PENSAM QUE EU SOU MÃE DA HUMANIDADE²⁰

Embora Carolina se visse (e fosse vista) como uma espécie de porta-voz do povo, em muitos momentos se arrependia de ter assumido tal papel, uma vez que confundiam sua atividade intelectual com uma obrigação formal e concreta, isto é, como se a autora tivesse poder/capacidade de suprir necessidades ou atender a uma horda de pedidos, geralmente monetários, de pessoas que iam à sua casa ou que a viam em lugares públicos, como vemos em:

Quando cheguei, encontrei um senhor, que estava esperando-me. Convidei a entrar. Disse-me que veio pedir-me para arranjar uma televisão e um patrocinador para ele dar uma conferência sobre os favelados. Citei-lhe que não resolvo estes problemas: - O meu mister é escrever o meu Diário! (Jesus, 2021B, p. 45)

Eu estou por conta com eles que andam anunciando que eu vou dar-lhe 100.00 cem mil cruzeiros. São homens malandros que quer expoliar-me. Será possível que eu tenho solucionar todos problemas que aflige o povo do Brasil? [...] É o meu prazer auxiliar os que sofrem. Mas, eu sou impotente (Jesus, 2021B, p. 135).

Apesar da frequência das situações como as citadas acima, a poeta separava (embora não sempre, como se verá depois) o que considerava ser a sua obrigação das ações que a extrapolavam. Novamente, em *Intelectuais negras*, de bell hooks, nota-se que

²⁰ Jesus, 2021B, p. 124.

[...] negras de todas as camadas de vida, das profissionais de empresa e professoras universitárias a empregadas domésticas se queixam de que colegas, colaboradores, supervisores, etc., lhes pedem que assumam papéis de zeladoras, que sejam suas consultoras, orientadoras, babás, terapeutas, padres; quer dizer, que sejam aquele peito que a todos amamenta — a mãe preta. [...] E não é só o mundo branco que tem essas expectativas em relação às negras, elas também são impostas por homens e crianças negros que também acham que as negras devem servi- los. [...] Coletivamente muitas negras internalizam a ideia de que devem servir, estar sempre prontas para atender quer queiram, quer não a necessidade de outra pessoa (hooks, 1995, p. 470).

Questões culturais como estas, aliadas a uma imprensa que divulgava que Carolina havia enriquecido, suposição esta que rapidamente se alastrou, influenciaram tal influxo de solicitações. E quando se tratava de demandas vindas de pessoas influentes na comunidade negra paulistana, a autora se sentia obrigada a acatá-las, fosse por uma espécie de obrigação moral com seus iguais: “Ele dizia que a raça precisa unir. Quem está bem deve auxiliar o outro” (Jesus, 2021B, p. 226); fosse para não ser vista como “orgulhosa”: “Se eu não me integrasse no movimento dos pretos eles iam ficar resentidos” (Jesus, 2021B, p. 461), característica comumente atribuída, aliás, a mulheres negras que se destacam de alguma forma, mesmo que não haja qualquer justificativa para tal adjetivo. Esse “dilema” é visível, embora sutilmente, no trecho a seguir:

O Osvaldo, veio procurar-me, dizendo-me que eu devo vender o meu nome para o sabão Appia, para propaganda e com o lucro da venda ele manda imprimir o jornal na casa da imprensa no largo do Arouche. [...] Disse-me que o Pelé vae ceder o seu nome para qualquer produto que queira usa-lo como propaganda. Que a raça precisa unir-se. [...] Ressolvi cooperar cedendo-lhe o meu nome (Jesus, 2021B, p. 231).

Aquela “obrigação moral” que Carolina julgava ter com relação à população negra também se revelava em seu comportamento em situações que exigiam certa exposição, como entrevistas. Ao ser elogiada por sua atuação, na Argentina, após uma entrevista, a poeta escreveu: “Pensei: dêvo demonstrar educação para eles não dizer que o negro não vale nada” (Jesus, 2021B, p. 410). Há, neste excerto, a materialização da ideia de se mostrar como um modelo para seus iguais ao mesmo tempo em que se espera – dos diferentes – que reconheçam suas boas qualidades e, por conseguinte, as atribuam às outras pessoas negras.

bell hooks destaca ainda que, por vezes, a compreensão, a legitimação das intelectuais negras e de sua atuação, de seu trabalho, se origina fora do ambiente acadêmico, ou seja, na comunidade, até mesmo num grupo menor a princípio, numa espécie de rede de apoio: “Falando com pessoas negras da classe operária em vários empregos, com colegas nas comunidades em que fui criada/ou vivi, encontrei indivíduos que endossaram e estimularam meu trabalho. Esse estímulo foi crucial para meu sucesso” (hooks, 1995, p. 475). Essa ideia é

perfeitamente ilustrada em “Os escritores de Academia não quer considerar-me escritora. Mas, o povo quer. Então, eu não impreciono-me com a fraquissima opinião dos escritorés de Academia!” (Jesus, 2021B, p. 54) e em “Li o artigo que a Dona Helena Silveira de Queiroz escreveu referindo-se ao meu livro. Ela disse que não viu nada no meu livro para ser classificado Best Seler. Os semi intelectuaes não vê nada que ocorre no seu pais, vão a China inspirar-se” (Jesus, 2021B, p. 93). Noutro trecho, nota-se ainda a junção da aprovação popular a um breve relato no qual dois problemas crônicos, a fome e a falta de saneamento básico, são sintetizados:

- o Jorge dizia que o povo quer saber a verdade, que o meu livro foi bem acatado pelo povo porque escrevi os fatos degradante da favela do Canindé. [...] Quando falei citei o porque escrevi Quarto de Despêjo. Para revelar aos poderes publicos a vida insipida do homem pobre. A luta com o custo de vida. É horrorôso ver as crianças andando descalços com o ventre crescido superlotado de vermes comendo os frutos deteriorados no lixo onde as moscas pousaram deixando seus ovos infecciosos. Espetaculo que eu reprovo em qualquer recanto do glôbo (Jesus, 2021B, p. 262).

Novamente no contexto da viagem à Argentina, uma moradora da “villa miseria”, ao conversar com a intelectual, afirmou que “[...] Nos soubemos que existia a senhora no Brasil que a senhora não tem medo dos politicos” (Jesus, 2021B, p. 418), e em seguida denunciou o abuso de autoridade cometido pela força policial local (que dificultava alguma forma de manifestação ou expressão do descontentamento dos moradores), bem como as promessas vazias feitas pelos aspirantes aos cargos políticos. Outras moradoras, ainda, queriam ser incluídas no diário, pois viam – inclusive crianças verbalizavam isto – tal exposição como possível propiciadora de melhorias, tanto a nível individual, como coletivo: “As crianças queriam ser fotografadas ao meu lado. E diziam: - Vamos salir com la señora no jornal. Ela nos pone em el periodico, e nos vamos ganar una casa del material” (Jesus, 2021B, p. 411); e queriam saber se aquelas condições vivenciadas por elas eram de conhecimento geral: “As mulheres pediam-me para escrever o seus nomes no meu Diario./ – Jo sou/ Elza Duarte./ Sorriam quando liam o seu nome que eu acabava de escrever. E perguntava com voz triste: – Os pobres do mundo passam o que estamos passando aqui?” (Jesus, 2021B, p. 411). Mais uma vez, nota-se o reconhecimento de seu papel social, de sua atuação, sendo externalizado por pessoas que não estão integradas ao ambiente acadêmico, ou até mesmo à cultura letrada.

Vale lembrar que, enquanto alguns – que eram pobres de fato – supunham que, ao aparecerem no diário, ou ao contarem com a presença da poeta em suas localidades, se beneficiariam por meio duma denúncia eficaz do que ali ocorria; outros, geralmente de classe média, queriam ser favorecidos **financeiramente**. A imagem aflitiva de “Tenho a impressão

que sou uma carniça e os côrvos estão rondando o meu corpo. Côrvo humano que quer dinheiro!” (Jesus, 2021B, p. 111), que expressa perfeitamente essa busca de contribuição/auxílio monetário, não foi a única delineada no texto:

Quero sair de São Paulo. Quando matei o porco la na favela os favelados queria linchar-me por causa da carne. Tive medo. E agora a classe média aborreçe-me quer dinheiro. Eles são a classe vaidosa – os ricos não tem tantas pretensões, vivem normamente. O pobre, vive de qualquer gêito. Não perturbam, contentam com as esmolas que ganham nos Centros Espiritas. [...] Eu não conhecia atribuições. Fiquei conhecendo depôis que estou mesclada com as classes dominantes. Eles turturam-me com a insistência em pedir-me dinheiro emprestado. Ja estou ficando esgotada. Estou enjoando da vida. [...] Agora que tenho dinheiro sou procurada igual um personagem em destaque. Transformei-me em abêlha rainha de uma colmea que não quer mel. Quer dinheiro (Jesus, 2021B, p. 220, 221).

Neste trecho, além da “dramatização” do problema por meio das metáforas e das comparações, Carolina deixa transparecer a origem social de quem causa tal problema que, aliás, a fazia querer, em inúmeras ocasiões, deixar a cidade e, sobretudo, a vida literária²¹.

Em *Um teto todo seu* (1929), Virgínia Woolf conclui que

A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI seria uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida e todos os seus próprios instintos conflitavam com a disposição de ânimo necessária para libertar tudo o que há no cérebro (Woolf, 1991, p. 61).

Embora ao ler “século XVI”, a impressão que se tenha é a de que se trata dum período muito recuado no tempo, que em nada se assemelha às décadas de 1950 e 1960 do século XX, nas quais Carolina escreveu suas obras mais famosas, é necessário recordar que esta última autora não lidava somente com a opressão ainda existente contra as mulheres, mas também com o preconceito contra as pessoas negras, e num país de passado – recente, diga-se de passagem – escravagista. Como destaca Almeida, “Houvesse eu nascido setenta, oitenta anos antes, talvez até apenas cinquenta, tivesse eu a mesma inclinação, e o meu destino seria, com sorte, a cozinha, a vassoura, a roça” (2023, p. 9-10). A romancista inglesa, ao falar de “condições de sua vida”, se refere inclusive às condições materiais, cuja precariedade ou ausência poderia privar da independência, do tempo e até mesmo duma possibilidade de contemplação, fosse da natureza ou da vida urbana cotidiana, as que quisessem se dedicar à escrita.

Mesmo concedendo uma generosa margem ao simbolismo, no sentido de que quinhentas libras por ano representam o poder de contemplar, e de que a fechadura da porta significa o poder de pensar por si mesma, vocês ainda poderão dizer que a mente deve elevar-se acima dessas coisas (Woolf, 1991, p. 130).

²¹ Jesus, 2021B, p. 221, 227 e 454, por exemplo. Nas duas primeiras páginas, Carolina afirma explicitamente querer abandonar a carreira literária. Na última, diz querer sair da cidade.

Ao defender a importância de um espaço que seja exclusivamente da poeta e cuja porta seja de controle desta (por meio da fechadura), Woolf não sugere apenas o “poder de pensar por si mesma”, mas a falta de interrupções²², algo que poderia influenciar até mesmo a escolha deste gênero ou daquele: “As mulheres nunca dispõem de meia hora. . . que possam chamar de sua’ —, ela era sempre interrompida. Mesmo assim, seria mais fácil escrever ali prosa e ficção do que escrever poesia ou uma peça. Exige-se menos concentração” (Woolf, 1991, p. 83-84), de modo a se permitir lidar com as outras atribuições da vida diária.

O que a autora de *Casa de Alvenaria* buscava era justamente este espaço no qual pudesse escrever sem ser bruscamente interrompida por solicitações de empréstimos, colaborações em eventos ou em campanhas partidárias, por exemplo. Não são poucas as vezes em que a intelectual diz, dentre outras coisas, que seu “[...] sonho é viver num lugar isolado para escrever” (Jesus, 2021B, p. 58) e “Quem escreve gosta de ficar sosinho. Eu já estou descontente com a minha vida. O Audalio devia comprar uma casa livre para mim. Pensava qual será o dia que eu vou ficar sosinha! Quem escreve gosta da solidão” (Jesus, 2021B, p. 68). Com “casa livre”, a poeta se refere a uma habitação unicamente destinada a seu núcleo familiar, já que no momento desse trecho, era obrigada a dividi-la com a família Monteiro, que residia ali “de favor”.

Despertei as duas horas e comecei a escrever. As horas que aprecio é a porque sei que ninguém vem aborrecer-me com pedidos de dinheiro emprestado. Da a impressão que os brancos de São Paulo da por mal empregado a transformação de minha vida. Com estes pedidos eu estou ficando neurotica. Sobressaltei ouvindo rumores e vozes. É que as quartas-féiras tem fêira na minha rua. [...] Preciso preparar o livro para setembro. O último livro que vou escrever. Porque estou com nêjo de literatura. Por causa dos desgraçados que quer expoliar-me. Não suporto os velhacos. [...] No quarto de despejo que é a favela, eu estava no inferno. Na casa de alvenaria que é a cidade, eu estou no inferno (Jesus, 2021B, p. 136).

Aquela predileção e identificação com o meio natural citada anteriormente se intensificou no decorrer dos anos vividos em Santana (a escritora morou naquela localidade entre dezembro de 1960 e dezembro de 1963), pois o campo passou a ser visto não só como uma possibilidade mais econômica de seguir a vida, mas inclusive como um reduto de tranquilidade. Enquanto ainda não havia migrado para o meio rural, uma das estratégias de que se utilizava para escrever sossegadamente consistia na escrita durante a madrugada. Tal prática não se restringiu a *Casa de Alvenaria*, porém, é visível mais frequentemente neste diário.

²² Woolf, 1991, p. 83-84, 96.

[...] Queixei para a Dona Adelia que quero mudar para um lugar sossegado. – Vae pro Matto Grosso. La... a senhora tem sossego! Achei graça. Mas, tem hora que eu desejo rissidir num dezerto. Se eu fóra homem ia ser heremita. Eu não tenho sossego com as pessôas que querem dinheiro emprestado. [...] Quêixei para a Dona Rosa que estou desgostosa com a vida. Na favela era melhor para escrever. Não regebia visitas todos instantes. Era ignorada (Jesus, 2021B, p. 121, 133).

A compra dum sítio em Parelheiros, na periferia da Zona Sul de São Paulo, materializou aquele anseio por discricção e calma, bem como o de poder lidar diretamente com o plantio. Em 18 de dezembro de 1963, a poeta registrou, já na nova localidade: “[...] Que silêncio gostoso. Não ha radio. Apenas o côaxar dos sapos. Que sono reconfôrtante. Não ouço aquelas vozes curiosas. – A Carolina está rica!” (Jesus, 2021B, p. 500). Embora a literatura não seja citada neste dia que, aliás, foi o último narrado no diário, soube-se que não houve interrupção permanente da escrita. De acordo com Vera Eunice, filha da escritora, no programa Guia Negro Entrevista (2020), nos momentos em que a intelectual conseguia voltar da cidade com comida e outros artigos “[...] ela tinha paz interior, como ela falava, e aí ela deitava embaixo das árvores lá no sítio, que ele tem até hoje, né, e ali ela escrevia [...] A vida dela era escrever, tava em paz, escrevia”. Tal fala foi proferida entre os minutos 00:02:52 e 00:03:05.

Ao ser perguntada sobre a existência de textos inéditos, Vera afirmou, no intervalo entre 00:14:16 e 00:14:37 da mesma entrevista, que há “Vinte e sete inéditos, [...] que estão agora com a Companhia das Letras, então vão colocar [...] um novo *Casa de Alvenaria*, tem o diário do sítio, depois tem o diário das viagens dela, então ela fez quatro diários”. Posteriormente, isto é, meses após outubro de 2020, a editora anteriormente citada não só publicou a obra que retrata a vida na cidade, tendo dividido-a em *Osasco* e *Santana*, como também o romance de publicação póstuma *O escravo* (2023).

Observa-se, desta forma, que embora a vida no campo não tenha proporcionado conforto, boas condições financeiras, permitiu-lhe certa liberdade e tranquilidade para atender “[...] a necessidade de colocar tudo no papel” (Jesus Lima, 2021B, p.23), necessidade esta que figurava como autoimposição, mas que naquele período advinha de certa placidez – certa, pois nem sempre havia ali a “felicidade do estômago satisfeito” (Dantas, 1961, p. 5) –; e não dum burburinho constante e, por vezes, impertinente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A publicação de *Casa de Alvenaria: Santana* propiciou não só o contato com parte substancial do texto produzido durante a estadia em Santana, e que não constava na edição de 1961, como também a reflexão a respeito de muitas questões que permeavam a crítica à obra caroliniana, bem como aspectos do texto em si. Em *Santana*, por exemplo, nota-se que a autora revê suas concepções sobre os nordestinos (algo iniciado por ela em *Osasco*, em virtude da viagem a Pernambuco), e até mesmo sobre o governo de Juscelino Kubitschek, que era alvo de suas críticas desde *Quarto de Despejo*.

Outro ponto mais recorrente no texto (inclusive devido ao volume da obra e a uma busca “pela integridade dos manuscritos originais”²³, segundo a editora) é o diálogo, a interlocução não só com outras pessoas, mas com outras ideias, que ora eram incorporadas ao texto em seus formatos originais, ou seja, sob as formas de outros gêneros textuais/discursivos, ora eram citadas indiretamente pela escritora. Fosse daquela maneira ou desta, eram retomadas e comentadas de modo a expressar concordância ou discordância da poeta com relação a elas. Por vezes, a inclusão de determinado gênero (como Entrevista) tinha como objetivo, por parte da autora, de tornar ainda mais notório (afinal, ela o escrevia também sob “encomenda”, para publicar de fato, e evidenciava isso) como, por exemplo, se deu o processo de surgimento das favelas nas grandes cidades, ou sobre como a guerra era danosa ao desenvolvimento de um país. Estas questões foram respondidas pela intelectual em mais de uma ocasião, em público, e ela optou por reproduzi-las no diário.

Aspectos como estes, isto é, esta reflexão acerca de temas universais, bem como a intenção de demonstrá-la, não só à população, mas aos poderes públicos, objetivando alguma mobilização social; aliada à seleção e adição de outros discursos e outros textos de modo a fomentar uma espécie de diálogo dentro da obra contribuem para que o trabalho de Carolina seja caracterizado como trabalho intelectual, já que buscou, sobretudo, uma compreensão da realidade, e não mera reprodução.

Portanto, o que se objetivou com essa pesquisa, foi a descrição e a análise de parte da obra de Carolina Maria de Jesus como um trabalho carregado de intencionalidade, intencionalidade esta que tinha um componente financeiro/laboral, afinal, a poeta contava

²³ A descrição sobre o projeto “Cadernos de Carolina”, do qual derivaram as publicações de *Casa de Alvenaria: Osasco*, *Casa de Alvenaria: Santana* e *O escravo*, está disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/5278/carolina-maria-de-jesus-na-companhia-das-letras>. Último acesso em: 11 jul. 2024 às 23:24:05.

com o dinheiro gerado pela venda dos livros para seu sustento; um componente psicológico/confessional, pois ainda que a escritora nem sempre quisesse escrever, tampouco conseguia deixar de fazê-lo permanentemente, visto que constituía uma espécie de autoimposição, além de que utilizava o diário também como lugar em que pudesse “desabafar”. E, sobretudo, um componente social, que não se esgotava na enumeração de agruras, mas incluía a teorização delas, o diálogo direto e indireto com inúmeros sujeitos e atores sociais e a exortação dessas pessoas ao exercício da escrita, à busca por instrução e até mesmo à greve, com o fito de promover mudanças. Embora a autora se deparasse com limitações, inclusive de ordem lexical, dado o pouco acesso à escolarização, é bastante equivocada sugerir que não houve um cuidado com a forma, um anseio constante – que era observável no livro, visto que se concretizava – pelo aprimoramento da composição.

Outro intuito deste texto foi mostrar de que maneira Carolina passou a ser vista pelo público e, principalmente, como isto influenciou sua escrita a partir de determinado período e sua visão sobre o papel do escritor e da literatura. Houve um empenho em centrar a análise no conteúdo da obra em si. Além disso, foi materializado aqui o propósito de evidenciar de que maneira as condições materiais e sociais vivenciadas pela poeta em Santana contribuíam para sua decisão em continuar ou não escrevendo, em se dedicar a este ou àquele gênero.

Por fim, houve no presente artigo um esforço em mostrar a possibilidade de estudar a obra da autora considerando sua temática social aliada a um procedimento – por parte da escritora – literário, ou seja, a romancização ou hibridização textual, procedimento este inovador, característico da literatura moderna e contemporânea. E, sobretudo, a constatação deste elemento e de outros anteriormente citados, isto é, a importância dada por Carolina à reflexão a respeito do que expunha, à busca por ilustração, à ideia de centrar-se em problemas da realidade da sua localidade/país, mas comparando-os com os de outros locais, comprovando sua universalidade; e a procura por tranquilidade, por um “teto todo seu” que lhe permitisse não só se dedicar à subsistência como à literatura, enfim, todos estes fatores foram ressaltados neste texto acadêmico com o objetivo de reafirmar o caráter intelectual da escrita caroliniana, por meio da qual a poeta almejava efetivar seu “ideal sociológico” que, após 63 anos, ainda não foi concretizado – embora avanços como a redução do índice de analfabetismo e a política de cotas nas universidades, por exemplo, contribuam para tal realização – demonstrando a atualidade de *Casa de Alvenaria: Santana*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. A minha imaginação não se distingue da minha identidade. *In: O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo – ensaios*. Brasil: Todavia, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. *In: Questões de literatura e de estética*, p. 397-428, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544849/mod_resource/content/1/Epos%20e%20Romance%2C%20Mikhail%20Bakhtin..pdf. Acesso em: 04 mai. 2024.
- BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. **Televisão brasileira: uma (re)visão**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, v.4, nº 2, 1–19. UFPR, 2007. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/727/691>. Acesso em: 05 mai. 2024.
- CLUBE DE LEITURA LUIZ GAMA. **Conceição Evaristo sobre Carolina Maria de Jesus**. Direção: Josélia Aguiar. Assistente de direção: Bianca Mantovani. Supervisão: Aline Coelho. Equipe técnica: Silas Rocha e Samuel Cruz. 01:55:26 min. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j8feVW4twEY>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- DANTAS, Audálio. Casa de alvenaria – história de uma ascensão social. Apresentação de Audálio Dantas. *In: JESUS, Carolina Maria de. Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Paulo de Azevedo, 1961.
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. Apresentação de Audálio Dantas. *In: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- GUIA NEGRO ENTREVISTA. “**Quero Carolina Maria de Jesus como uma literata**”, diz Vera Eunice de Jesus. Direção: Rodrigo Portela. Produção: Heitor Salatiel. 00:22:41 min. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a-hs5HUYdwQ>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v.3, nº 2, 464-478. Florianópolis, UFSC, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 01 mai. 2024.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria, volume 1: Osasco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021A.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria, volume 2: Santana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021B.
- JESUS LIMA, Vera Eunice de. Reminiscências de minha mãe. *In: JESUS, Carolina Maria de. Casa de alvenaria, volume 2: Santana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021B.
- LORDE, Audre. Minhas palavras estarão lá. *In: Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos*. Brasil: Ubu Editora, 2020.

MARQUES, Matheus Augusto de Santana. **“UM BRASIL PARA OS BRASILEIROS”: o projeto intelectual de Carolina Maria de Jesus**. Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/38711/1/Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20Matheus%20Augusto%20de%20Santana%20Marques%20PPGLITCULT.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2024.

SILVA, Lígia Mychelle de Melo. **ESTÉTICA DA CONFLUÊNCIA: ficção e autobiografia na prosa literária e no *Diário do último ano*, de Florbela Espanca**. Natal/RN, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/22765/1/LigiaMychelleDeMeloSilva_TESE_.pdf. Acesso em: 01 jun. 2024.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Brasil: Círculo do Livro, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4671119/mod_resource/content/0/Um%20Teto%20Todo%20Seu%20-%20Virginia%20Woolf.pdf. Acesso em: 29 jun. 2024.